

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER

PATRÍCIA DO NASCIMENTO

AFETIVIDADE: RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Rio de Janeiro

2014

PATRÍCIA DO NASCIMENTO

AFETIVIDADE: RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Profa. Esp. Melissa Lamego

Rio de Janeiro

2014

N244a **Nascimento, Patrícia do**

Afetividade: relação entre professor e aluno / Patrícia do Nascimento. –
Rio de Janeiro: ISEPS, 2014. –
fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de
Educação Pró-Saber, 2014.

Orientador: Profa. **Esp. Melissa Lamego**

1. Educação. 2. Educação Infantil. 3. Afetividade. 4. Relação professor e
aluno. I. Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação
Pró-Saber.

CDD 372

PATRÍCIA DO NASCIMENTO

AFETIVIDADE: RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em 2 de dezembro de 2014.

EXAMINADORES

Professora Especialista Melissa Lamego
Orientador

Metodologia de Pesquisa II

LICENÇAS

Autorizo a publicação deste trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 11 de novembro de 2014.

PATRÍCIA DO NASCIMENTO

Dedico minha monografia a minha família por todo o apoio que me deu durante estes três. A todos os professores que ajudaram a construir todo conhecimento adquirido

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado vida, saúde e força para completar o meu curso.

Também a minha mãe, minha irmã Cláudia, a dona Aparecida por me ajudar a olhar meu filho para que eu pudesse vir estudar sem preocupações.

A Cláudia continuo a agradecer pela força nos momentos de fraqueza, nas pesquisas e por todo carinho que a mim é oferecido.

Ao meu companheiro Denílson pelo acolhimento no momento de desanimo, a paciência nos momentos de estresse e por toda admiração que em mim deposita.

Agradeço ao Pró Saber pela oportunidade pelo curso normal superior, a todos os professores que com os nossos encontros enriqueceram o meu repertório de conhecimento, me ajudando a modificar o meu olhar, me despertando ainda mais pela busca do desejo de vida.

A turma 2012 pelo aprendizado de vida em grupo, pelo vínculo , pelo carinho de umas com as outras e com isso aprendemos a nos respeitarmos e cuidarmos de uma forma única e especial, a cada sorriso, a cada lágrima, a cada abraço que tivemos juntas serão preciosas recordações que levarei até o fim de meus dias.

Não poderia de terminar sem mencionar minhas amigas Dayse Mariana, Aline, Janaína, Luciene e Telma pela grande amizade que se iniciou aqui no ISEPS e que cultivarei a todo o momento.

“Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto”.

Rubens Alves

RESUMO

Este trabalho monográfico tem como seu objetivo geral provocar reflexões sobre o ensino aprendizagem em educandos iniciantes na vida escolar. Conceituar afetividade e aprendizagem, identificar a construção da relação de confiança no espaço escolar e estimular as relações afetivas entre educadores e educando na Educação Infantil.

Palavras Chaves: educação infantil, afetividade, relações

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10	
1 História da Educação	13	
1. 2 Educação Infantil Como Direito	15	
2 As Relações Afetivas nos Espaços de Educação Infantil	16	
2. 1 Conceito de Aprendizagem		17
2. 2 Afetividade na Aprendizagem	18	
3 O Papel do Professor no Espaços de Educação Infantil	21	
3. 1 Educador e Professor	21	
3. 2 A Formação do Professor de Educação Infantil	24	
3. 3 Relatos Sobre a Relação Afetiva na Escola	25	
3. 4 Porque Falar Sobre Afetividade	26	
3. 5 Diário de Campo	28	
3. 6 Percursos Metodológico	30	
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31	
REFERÊNCIAS	33	

INTRODUÇÃO

A proposta do meu trabalho é fomentar reflexões sobre o cotidiano em creches vivenciadas por crianças e adultos, no qual são destacadas as expressões afetivas e as manifestações emocionais na primeira infância. Apresenta como tema AFETIVIDADE RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO. Refletir sobre as capacitações oferecidas aos educadores ao início de uma relação. Preparo este que, nem sempre é oferecido ao professor antes do início da atividade pedagógica com os educandos. O segundo, talvez o maior, é o de trabalhar com educando que nunca estiveram em um espaço escolar, e na sua maioria das vezes nunca se distanciou do grupo familiar. Quando esta criança inicia o estágio de adaptação, neste momento devemos proporcionar um ambiente acolhedor para que a criança se sinta segura e assim criar laços de afetividade, com objetivo de ganhar sua confiança e de sua família que muitas das vezes vê os educadores como competidores no processo ensino aprendizagem.

O trabalho de inserir esta criança no cotidiano escolar é a prioridade da escola quando se inicia o processo de desenvolvimento da confiança e consequentemente, da afetividade que serão os alicerces desta construção desse sujeito.

A situação em que este educando chega para freqüentar uma escola de Educação Infantil nos remete a reflexões sobre seu relacionamento com a família, professores e demais membros da escolar.

Analisando os relacionamentos em classes, percebemos os sentimentos que estariam presentes em tais relações, ficando entretanto um questionamento acerca deste. É possível através de relações de afetividades, gerar laços entre educadores e educando?

Este estudo busca compreender de que maneira as relações de afetividade presentes no processo ensino aprendizagem em educando que estão iniciando a vida escolar favorece ou não a construção da afetividade dos educandos.

O objetivo específico deste estudo pretende: conceituar afetividade e aprendizagem e identificar o sujeito especificamente em alunos com dificuldade de adaptação nesse novo cotidiano e estimular as relações afetivas entre os educandos

e educadores de Educação Infantil.

Neste trabalho procuro fazer um diálogo com os seguintes teóricos: Henri Wallon(2007), Sônia Kramer(1992), Piaget(1993), relacioná-los no processo de análise e discussão da problemática que deu origem a este estudo.

Sônia Kramer (1992) em seus estudos realizados em escolas e creches públicas pesquisou a relação existente entre a afetividade e o ensino aprendizagem em crianças oriundas das camadas populares das sociedades. Sendo estas previamente sujeito dentro das questões social simplesmente não se entrava na escola para a aprendizagem e sim para o cuidar atribuindo-se ao indivíduo(educando) um problema de ordem social (cultural). Assim, instala-se um “preconceito no cotidiano escolar” como formar cidadãos que na verdade são vítimas de um sistema excludente, transformando questões. Assim buscamos o educar e cuidar juntos, sendo esse indissociável explicita as pesquisas junto à “teoria da afetividade”, que tem em Wallon (2007) seu principal teórico.

Para Wallon (2007) o ser humano é apontado como “organicamente social, isto é, sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura. Os estados afetivos, sob forma de emoções, encontram-se na origem da consciência, possibilitando a passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico. Assim, a construção da identidade do indivíduo tem no mundo que cerca sua “referência”, seja para imitá-lo, seja para segui-lo como exemplo. Por isso, a afetividade está ligada ao cognitivo, uma vez que esta representa uma fase do desenvolvimento da criança que se interliga ao ensino aprendizagem.

As emoções segundo Wallon (2007) possuem características específicas que as diferem de outras manifestações orgânicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, secura da boca, mudança de ritmo da respiração, etc... Além disso, as emoções também provocam alterações na expressão facial, na postura, e na forma como são executadas as atitudes. É também a emoção, o desencadeador do funcionamento cognitivo, já que está o aciona, mas não se sobrepõe a ele, ao contrário, se estabiliza criando um equilíbrio entre emoção e cognição, pois, para Wallon(2007) a afetividade sempre estará presente nas ações humanas, sendo um componente permanente das mesmas.

É na atuação, no convívio social “que permitira ao indivíduo sobreviver durante o seu prolongado período de dependência”, pois o primeiro contato da criança com o mundo e com as pessoas é emocional. É a emoção que permite as

primeiras construções da criança. A atividade intelectual, que tem a linguagem como um instrumento indispensável, depende do coletivo. Permitindo acesso à linguagem, podemos dizer que a emoção está na origem da afetividade intelectual. na creche e a importância da afetividade nesse processo. A justificativa para esta pesquisa refere-se ao trabalho docente em classes de educação infantil que requer sem sombra de dúvidas, um preparo (psicológico, educacional entre outros

1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo Kramer(1997) O início da Educação Infantil foi a partir do atendimento às crianças de 0 a 6 anos em instituições especializadas têm origem com as mudanças social e econômica causadas pelas revoluções industriais no mundo todo. Neste momento as mulheres deixaram seus lares por um período, onde eram cumpridoras de seus afazeres de criação dos filhos e os deveres domésticos, cuidando do marido e família, para entrarem no mercado de trabalho. E com esse novo cotidiano reveriam outras forma de cuidar dos filhos. (Kramer, 1997) Nesta época iniciou-se a organização de creches, jardins de infância e pré-escolas de maneira desordenada e sempre numa perspectiva emergencial, como se os problemas infantis criados pela sociedade, pudessem ser resolvidos por essas instituições.

Na década de 1950 havia uma forte tendência médico higiênica do Departamento Nacional da Criança, desenvolvendo vários programas e campanhas visando o “. combate” à desnutrição, vacinação e diversos estudos e pesquisas de cunho médicos realizados no Instituto Fernandes Figueira. Era também fornecido auxílio técnico para a criação, ampliação ou reformas de obras de proteção materno-infantil do país,

Basicamente hospitais e maternidades”(Kramer, 1995, p. 65) Na década de 1970 temos a promulgação da lei nº5692, de 1971, o qual faz referência à educação infantil, dirigindo-a como ser conveniente à educação em escolas maternais, jardins de infância e instituições. Com esta pequena retrospectiva histórica, verifica-se que a Educação Infantil surgiu com um caráter de assistência a saúde e preservação da vida, não se relacionando com o fator educacional.

1. 2 Educação Infantil Como Direito.

A educação infantil recebeu um destaque na nova LDB, inexistente nas legislações anteriores. A expressão educação infantil e sua concepção com primeira etapa da educação básica está agora na lei maior da educação do país, a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDB), sancionada em 20 de dezembro de 1996. Se o direito de 0 a 6 anos à educação em creches e pré – escolas já estava

assegurado na Constituição de 1988 e reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, a tradução deste direito em diretrizes e normas, no âmbito da educação nacional, representa um marco histórico de grande importância para a educação infantil em nosso país. A inserção da educação infantil na educação básica, como sua primeira etapa, é o reconhecimento de que a educação começa nos primeiros anos de vida e é essencial para o cumprimento de sua finalidade, afirmada no Art. 22 da Lei: “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar – lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer – lhes meios para progredir no trabalho e nos estudos posteriores”.

A educação infantil recebeu um destaque na nova LDB, inexistente nas legislações anteriores. É tratada na Seção II, do capítulo II (Da Educação Básica), nos seguintes termos:

Art. 29 A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem com finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30 A educação infantil será oferecida em: I – creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré – escolas para crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31 Na educação infantil a avaliação far – se – á mediante acompanhamento e registro de seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

A educação infantil passou a ser dever do estado responsabilidade da família e direito da criança. Assim toda criança desde seu nascimento tem os seus direitos de cidadãos.

2 AS RELAÇÕES AFETIVAS NOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Para Wallon (2007), o ser humano só pode ser estudado em uma perspectiva global. Ele propõe a psicogênese da pessoa completa, ou seja, o estudo integrado do desenvolvimento. Considera que não é possível selecionar um único aspecto do ser humano: afetivo, motor e cognitivo, denominados como “campos funcionais”, pois estes se entrelaçam ao longo do desenvolvimento.

Para ele, o estudo do desenvolvimento humano deve considerar o sujeito como “geneticamente social” e estudar a criança contextualizada, nas relações com o meio. De acordo com Dantas (1992), Wallon concebe o homem como sendo genética e organicamente social e a sua existência se realiza entre as exigências da sociedade e as do organismo.

Assim Galvão (2004) define o homem na teoria walloniana:

“O homem é determinada fisiológica e socialmente, sujeito, portanto, a uma dupla história, a de suas disposições internas e as das situações exteriores que encontra ao longo de sua existência (p. 29)”.

Ao focar seu olhar no “homem global”, Wallon (2007), identifica a existência de ‘campos’ cujas características reúnem-se, ao que ele irá chamá-las de funções psíquicas. São estas: a afetividade, o ato motor e a inteligência.

A princípio, estas funções pouco se diferenciam. Entretanto, à medida que o sujeito vai desenvolvendo-se, e construindo-se como sujeito, estes campos então aparecem definidos.

Assim, “a pessoa é o todo que integra esses vários campos e é, ela própria, um outro campo funcional” (GALVÃO, 2004 p. 18).

O conceito de ‘diferenciação’ é um conceito central na teoria walloniana, pois, através dela é que ocorre a formação da personalidade.

Compreende-se melhor este conceito, observando-se esse processo em uma criança. O bebê ao nascer, não diferencia seu corpo do meio (simbiose). No momento em que interage consigo e com o meio, tocando-se, mordendo-se, pegando algo, percebe-se e percebe o mundo. Assim, é através das sensações: dor, prazer etc. , que o bebê percebe o limite do seu corpo (Wallon, 2007). A diferenciação então se desencadeia, quando este estado de simbiose dá espaço à consciência de ‘eu’ e do ‘não-eu’ através das interações sociais que ele faz. Desse modo, o processo de socialização é realizado pelo processo de individuação na

construção do 'eu' e do meio.

2. 1 O conceito de aprendizagem

Em seus estudos, Wallon (2007), observando o desenvolvimento de uma mesma criança em fases cronológicas diferentes, percebe que ao longo desse tempo, a criança interessa-se por aspectos distintos de seu contexto, retirando dele e interagindo com os objetos que o envolvem, conforme as necessidades orgânicas e sociais que precisa para desenvolver-se.

Conclui-se com isso, que a cada idade existem interações específicas entre o sujeito e seu entorno. Assim, é fundamental observar-se a disposição dos aspectos físicos no ambiente, as pessoas que fazem parte desse espaço, a linguagem e valores que se intermedeiam nos espaços, nos quais ocorre o desenvolvimento. Assim, como a integração sujeito meio é estabelecida por estreitos laços, à medida que o sujeito se desenvolve, o ambiente é transformado também (Galvão, 2004).

Wallon (2007), admite o organismo como condição primeira do pensamento, pois “toda a função psíquica supõe um componente orgânico” (Wallon, 2007). No entanto, considera que não é condição suficiente, pois o objeto de ação mental vem do ambiente, no qual o sujeito está inserido, ou seja, de fora.

Vê-se que para ele não é possível dissociar o biológico do social no homem. Esta é uma das características básicas da sua Teoria do Desenvolvimento. Nesta teoria Wallon define alguns estágios nos quais não há etapas 'fechadas' e acabadas, mas, um avançar e retroceder contínuo, sendo que características do estágio anterior poderão ser presenciadas.

Em um estágio mais avançado. É nesse processo de constante conflito, pois tais transformações causam instabilidade, que a aprendizagem acontece.

Entretanto, o fato de se chegar a uma maturação nervosa, não significa que o sujeito já alcançou condutas psicológicas superiores. O sujeito só irá adquiri-las por influência do meio, pois, a cultura e a linguagem poderão fornecer ao pensamento ferramentas para que este evolua e alcance a inteligência simbólica.

Os cinco estágios de desenvolvimento do ser humanos apresentados por GALVÃO (2004), sucedem-se em fases com predominância afetiva e cognitiva:

- -Impulsivo emocional, que ocorre no primeiro ano de vida. A predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, as quais intermedeiam sua relação com o mundo físico;
- -Sensório-motor e projetivo, que vai até os três anos. A aquisição da marcha e da pressão, dão à criança maior autonomia na manipulação de objetos e na exploração dos espaços. Também, nesse estágio, ocorre o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem. O termo projetivo refere-se ao fato de a ação do pensamento precisar dos gestos para se exteriorizar. O ato mental “projeta-se” em atos motores (Dantas, 1992). Para Wallon, o ato mental se desenvolve a partir do ato motor;
- -Personalismo: ocorre dos três aos seis anos. Nesse estágio, desenvolve-se a construção da consciência de si mediante as interações sociais, reorientando o interesse das crianças pelas pessoas;
- -Categorial. Os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior;
- -Predominância funcional. Ocorre nova definição dos contornos da personalidade, desestruturados devido às modificações corporais resultantes da ação hormonal. Questões pessoais, morais e existenciais são trazidas à tona.

Nos estágios descritos, há uma “alternância funcional” que é a variação entre as formas de atividades e de interesses da criança que ora possui um foco maior para o afetivo, ora para o cognitivo.

Cada fase vivida tem então, a dominância da afetividade ou da cognição e, incorpora as conquistas realizadas pela outra fase, construindo-se reciprocamente, “num permanente

processo de integração e diferenciação” (Galvão, 2004, p. 12) que será denominado de “integração funcional”.

2. 2 A afetividade na aprendizagem

Antes de conceituar a afetividade, faz-se necessário definir o que é emoção, pois, por diversas vezes, confunde-se afetividade com emoção.

A emoção (GALVÃO, 2004) é a junção estabelecida entre o indivíduo e o meio, entre o físico e psíquico, a partir da qual as alterações orgânicas, variações no funcionamento neurovegetativo, mudanças faciais e de postura são visíveis, exteriorizadas, vinculadas assim, à função corporal tônico posturais.

Nas palavras de Wallon (2007), emoção é assim definida:

As emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como a origem da consciência, visto que exprimem e fixam para o próprio sujeito, através do jogo de atitudes determinadas, certas disposições específicas de sua sensibilidade. Porém, elas só serão o ponto de partida da consciência pessoal do sujeito por intermédio do grupo, no qual elas começam por fundi-lo e do qual receberá as fórmulas diferenciadas de ação e os instrumentos intelectuais, os quais lhe seriam impossíveis efetuar as distinções necessárias ao conhecimento das coisas e de si mesmo. (p. 89)

Para conceituar emoção, portanto, Wallon (2007), buscou a compreensão e o significado desta, através da ação do sujeito sobre o 'meio humano' e identifica sua origem na consciência ligada ao sistema nervoso.

Vê-se mais claramente, como a emoção nessa relação do sujeito com o meio se dá, observando novamente, um bebê.

A primeira atividade de interação que um recém-nascido faz é a de suscitar nas pessoas próximas a si reações de ajuda que venham a saciar suas necessidades.

Devido a esta extrema dependência do outro, em situações mais simples como, por exemplo, o virar-se para sair de uma posição incômoda ao bebê, ele precisa que o outro perceba este sentir-se incomodado. Assim, também ocorre quando precisa alimentar-se.

Quando sente dor, necessitando para tanto, de estabelecer com o outro uma relação, uma "comunicação afetiva" (Wallon, 2007).

Percebe-se que no início tudo o que ocorre com o meio, reflete-se nas ações do bebê. Exemplificando: ambiente muito agitado, deixa o bebê nervoso; um som pode remeter o bebê a um acontecimento (agradável ou não), a uma situação vivida

por ele, na qual o mesmo som esteve presente. Entretanto, à medida que o bebê vai desenvolvendo-se, percebendo seus movimentos e os efeitos que causam ao meio, estes deixam de ser extremamente intuitivos para terem um significado, estabelecido através da afetividade exteriorizada.

Desta forma, constata-se que “as emoções se nutrem dos efeitos que causam no meio” (GALVÃO, 2004, p. 27), precisando do meio para serem vividas e de pessoas que dêem significado às emoções transmitidas. Com isso, as emoções aparecem como uma primeira forma de adaptação ao ambiente. É pelas interações sociais que o meio propicia, portanto, que as emoções possibilitam o acesso ao universo simbólico da cultura.

Sobre a relação entre cultura e emoção, GALVÃO (2004, p. 65) explica que, na teoria walloniana, esta ocorre da seguinte maneira:

Através de manifestações culturais, as pessoas tendem a contagiar-se pelo ambiente, estabelecendo uma sensibilidade comum aos membros. É uma sintonia afetiva que mergulha todos na mesma emoção.

A palavra afeto vem do latim *affectuar* (estar afetado, tocar) constituindo-se como um elemento primordial da afetividade.

O termo afetividade pode ser assim definido como um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza (Codó, 1999, p. 24).

Na teoria walloniana, a afetividade é a que confere o modo de relação do sujeito à vida (vínculos estabelecidos) e será através da tonalidade de ânimo que a pessoa perceberá o mundo e a realidade (Wallon, 2007).

Dessa forma, a afetividade funcionaria como uma lente, através da qual, a pessoa poderia posicionar-se, atribuindo maior ou menor intensidade, devido à afetividade estabelecida através dos vínculos

Alguns educadores entendem como afeto apenas o ato de dar carinho e de dar os cuidados básicos mas segundo Madalena Freire "O desafio do educador em seu ensinar é ir construindo-se como leitor de faltas, de desejos. Procurando provocar o desequilíbrio entre os saberes no grupo, para que as necessidades, interesses e vontades venham sendo explicitados e, assim, possa alimentá-los teoricamente para que a aprendizagem e a mudança aconteçam." Hoje com tudo que vivi e aprendi com a metodologia do INSTITUTO SUPERIOR DE ENSINO PRÓ

SABER (ISEPS) no qual estou cursando o sexto período no curso de normal superior com licenciatura para trabalhar com crianças de 0 a 6 anos, tenho plena consciência que não somente o carinho e os cuidados básicos são suficiente, mas que afeto também é possibilitar a meus educandos um aprendizado significativo, abrindo portas para o seu pensamento construtivo, estimulando sua curiosidade e sua autoestima.

3 O PAPEL DO PROFESSOR NOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo venho buscar reflexões sobre a importância do papel do educador para seu educando, sabendo-se que somos seus modelos de referências, como tratar de um assunto tão importante na construção da relação entre o professor e seus alunos.

3.1 O Educador e o Professor

Entendo por educador todas as pessoas que trabalhem dentro de uma instituição de ensino e tem por único objetivo estimular o aprendizado dos educandos. Já o professor é toda pessoa que tem uma formação pedagógica exigida para trabalhar em sala de aula, ambos têm o mesmo objetivo a estimulação ao desenvolvimento da criança, mas o professor tem sua intencionalidade definida sabe o que quer alcançar quando propõe uma atividade ao seu aluno, tem um olhar observador para saber qual aluno está progredido e qual necessita de atenção, planeja suas atividades e avalia o que foi aplicado para somente então seguir em frente.

. Compreender o tempo e o espaço da criança vai além da teoria. A prática de cada educador se faz a cada novo amanhecer, convivendo com novas situações. Dessa maneira, concretizando vai-se a prática, por assim dizer, do professor na escola. O professor não só pode usar a prática ou teoria, ele deve fazer a junção dos dois. Se fizer essa separação será mais um utilizador de elementos.

Cabe comentar que, apenas entrar em sala de aula e seguir uma cartilha não se efetiva, de fato, um processo educativo. Esse último se dá de forma contínua, entre educador e educando, avaliando e reconstruindo saberes. Fazer uso do diagnóstico do conhecimento prévio do aluno direciona os meios pelo qual o professor deve partir para chegar aos fins. Contudo, saber o que o aluno sabe não garante que um novo aprendizado tenha sido internalizado por parte desses.

O professor deve refletir constantemente sobre o seu papel. Nesse sentido, Freire, (1996, p. 43) afirma que: “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem é que se pode melhorar a próxima prática.”

Até algum tempo atrás se acreditava que, quando terminado o magistério e/ou mais recentemente a graduação, o profissional docente estaria apto para atuar na

sua área o resto da vida. Atualmente a realidade é diferente. Este deve estar consciente de que sua formação é permanente, e é integrada no seu dia a dia nas escolas.

O professor não deve deixar de ter o gosto pelo estudo, pela leitura, senão não conseguirá transmitir esse gosto para seus alunos. O professor que não aprende com prazer não ensinará com prazer.

Assim como Libânio já tinha dito São grandes os desafios que o profissional docente enfrenta, mas manter-se atualizado e desenvolver práticas pedagógicas eficientes é o primordial.

A formação continuada se dá de maneira coletiva e depende da experiência e da reflexão como instrumentos contínuos de análise.

É nesse contexto educacional, de múltiplas relações, que o professor tornar-se-á ao mesmo tempo formador e formando, pois ao mesmo tempo em que está exercendo seu papel em uma sala de aula, está, também, em outro dado momento, em outra sala de aula, (re) construindo novos saberes.

No Brasil, a Educação Infantil, apesar dos avanços conceituais e legais no âmbito da garantia de direitos, ainda padece de uma informalidade que pode e dever ser transformada.

Educar crianças é tarefa exigente, demorada, e requer uma eficiente formação continuada dos educadores, processo que passa necessariamente pelo tempo de conhecer bem a criança pequena e segue por alimentar uma atitude de curiosidade pelo mundo.

A criança é o fator inicial e principal da tarefa de educar que o profissional docente deve ter em mente. É a partir das especificidades desse pequeno ser, que o professor acompanhará dia a dia a trajetória de aprendizagem e desenvolvimento da mesma.

A formação das crianças está ligada ao desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo para que no amanhã sejam adultos críticos e reflexivos frente a realidade em que se deparará. Porém, esse desenvolvimento se dá desde o nascimento, abrangendo aspectos dos mais diversos: ambientais, crenças, status social da família, etc. Por mais que se deseje formar seres humanos capacitados à leitura diferenciada do mundo, vale lembrar que quando ainda criança, essas não se desenvolvem de maneira uniforme.

É preciso ter consciência que criança pensa, investiga, brinca, sente, pensa e

se expressa. Sendo assim, cabe ao professor conhecer cada um de forma íntegra.

3. 2 A formação do Educador da Educação Infantil

Segundo Libânio(2004) apesar de alguns graus de dificuldade, descobriu-se que o trabalho com a infância é determinante para o desenvolvimento integral do ser humano.

Então, a formação dos professores da Educação Infantil hoje é um direito dos próprios professores e também das crianças.

Em termos de números, há ainda uma parcela de profissionais que atuam nas pré-escolas com a formação abaixo da desejada: de um total de 309. 881 profissionais, também incluindo o meio urbano e rural, são 0, 3% (1. 173) com o fundamental incompleto e 1, 6% (5. 170) com o fundamental completo.

Deve-se ter em mente que a simples formação oficial não pode e nem deve ser vista como a única exigência para se tornar professor de educação infantil. Sabe-se que muitas vezes a prática nos ensina mais que a teoria. Porém, àqueles que desejam atuar no cuidado e na educação de crianças precisa manter-se qualificado para tal atividade.

Ser professor de Educação Infantil diz respeito a todos os profissionais responsáveis pela educação direta da criança na faixa etária de 0 a 6 anos. O momento atual pode ser considerado como um divisor de águas para os métodos de ensino, ultrapassando os tradicionais e consolidando os novos, que por sua vez precisam de constante desenvolvimento, devida interação entre os educandos e o mundo, que interferem no processo ensino-aprendizagem com o ensino cada vez mais cedo, necessitou-se de um intermediador entre esses campos. a educação infantil se faz necessária de um professor pois, este detém o conhecimento e técnicas para serem aplicadas conforme as necessidades irão surgindo por ser educados que estão iniciado sua vida escolar e as dificuldades são diversas. Embora o papel do professor seja fundamental em muitas partes do mundo ainda existam dificuldades no ensino e no partilha mento da informação, estas já estão sendo vencidas principalmente nos grandes centros onde existem maiores condições de acesso à informação e à cultura escolar.

A importância desse educador

[...] em toda educação, o que mais marca é, primeiro, o amor; depois, o exemplo; e, em terceiro lugar, o ensino, seria essencial que o (a) educador (a) infantil tivesse ilimitado amor a sua profissão e integral condição de transmiti-la através de seus atos, seus gestos e de suas intervenções. Que gostasse muito de crianças e que mostrasse extremamente sensível ao afeto que desperta [...] (ANTUNES, 2006, p. 60).

Segundo Libânio (2004), acredita-se que ser educador infantil é uma enorme responsabilidade, ora, pois é através desse que as crianças entram em contato após a família. É na escola, como um segundo ambiente socializador que a criança começa a ampliar sua rede de relações e, que através dela e o educador, constrói conhecimentos significativos a seu modo de perceber a vida.

Já que a educação deve ser considerada um processo de formação contínua, pode-se dizer que tal educador, principalmente por lidar com os pequenos, precisa levar muito a sério sua profissão, gostar do que faz e renovar-se a todo momento, pois ensinar e aprender é fundamental como conceito inicial para esse profissional.

Tal educador tem que possuir um perfil, no qual acredite na transformação, que goste de mudança e que para isso seja eternamente curioso.

Quem dera se todos os profissionais docentes tivessem uma compreensão e visão homogênea da infância. Talvez seja a multiplicidade de olhares que tornem o ensino interessante e passível de crescimento. Cada teoria também produz um tipo de “olhar” sobre a infância, desde os que apenas acham que ser criança é apenas mais uma de tantas etapas de nossa vida, até aqueles que procuram na infância toda a origem de quem somos agora.

Sendo o adulto alguém que a criança instintivamente tenta imitar, cabe ao educador ser possuidor de um carinho imenso com seus alunos, pois é através de um olhar, do toque que muitas crianças revelam suas emoções de tristeza e alegria. Primordialmente, além de todo conhecimento que se tenha a partir da teoria, a prática do educador infantil será grandiosa quando puder contribuir de forma ativa no crescer e desenvolver de atitudes de respeito e afeto das crianças.

3. 3 Relatos sobre a relação afetiva, na escola.

Confirmando a importância afetiva no espaço escolar. Temos alguns relatos sobre a afetividade nesse espaço, segundo a mãe de Ana Júlia, pude perceber que minha filha sofreu bastante para conseguirem se adaptar a nova realidade. Isto é, a conviver com pessoas estranhas num ambiente totalmente diferente do que ela estava acostumada até então, Só havia convivido com os familiares. Observei que ela ficou doente por não comer e nem beber nada, exceto água, durante esse árduo período. Por passar quase o dia inteiro aos prantos de choro e pedindo mim. Nas devido ao ciclo de afetividade que se formou entre eu e a equipe, conseguirmos superar essa fase difícil. Outra mãe de primeira viagem ficou sem saber o que fazer quando sua menina entrou na minha turma com dois anos de idade, filha única, que somente se relacionava com pessoas adultas. Para ela o período adaptativo foi de quase dois meses, onde chorava incansavelmente e bebia somente água. Seu rosto resplandecia a sua aflição, e o desespero a consumia a cada dia, até que ficou doente. Todavia, mesmo assim,

Continuou freqüentando a creche onde o medicamento era administrado pelas profissionais da instituição.

Cenas que até hoje me emociona ao lembrar. Também houve relatos de alguns pais que foram obrigados a tirarem os filhos da instituição porque estavam ficando traumatizadas de tal forma, que entravam em desespero só de passar perto aos finais de semana em que a creche encontrava fechada.

O rompimento temporário dos laços afetivos das mães ou pessoas que eram apegadas fazia com que muitas crianças mudassem de comportamento, às vezes tornavam mais sensíveis e/ou agressivas. Atitudes percebidas tanto pelos pais como pelas “tias” da creche. Profissionais que apesar de serem máis remuneradas e de não terem capacitações adequadas para trabalhar com crianças na época, eram na sua maioria pessoas dedicadas que desempenhavam seus trabalhos com responsabilidades e muito carinho com as crianças, pessoas essas dignas de muito respeito. Algumas continuam até hoje exercendo o mesmo trabalho na creche

Portanto, diante desses relatos acima mencionados se percebe a importância da atuação do pedagogo com mediador desse maravilhoso trabalho na educação Infantil em todos os âmbitos de aprendizagem. Referente ao relacionamento interpessoal e intrapessoal entre os profissionais da instituição. Que tem o papel de oferecer apoio e segurança as crianças. Outro relato importante, e o da mãe de três

crianças matriculadas na mesma instituição. As duas mais novas tiveram uma ótima adaptação, já a mais velha teve muita dificuldade para se adaptar, por ter convivido por mais tempo somente com familiares. Mais a mãe tinha muita confiança na equipe que cuidava de seus filhos, e ajudou muito para uma adaptação sem sofrimento. A mãe criou laços de afetividade com toda equipe, e sentiu que ali era um lugar de confiança.

3. 4 Porque falar sobre afetividade

A necessidade de falar sobre este tema veio com minha observação da relação que é construída entre uma criança e seu professor. Como lidar com esse sentimento? Como conquistar a confiança de uma criança que nunca te viu antes? Como entender a escolha da criança que entre tantas educadoras ela escolhe uma para o seu referencial?

No início minha fonte de pesquisa era eu mesmo, pois ficava me questionando, que em sala de aula eu entre as outras companheiras de trabalho era a única que rolava no chão, que mergulhava junto com as crianças nas brincadeiras. No momento do pátio lá estava eu sempre rodeada de criança, em alguns momentos outras professoras diziam -“crianças vão brincar, saem de cima da tia Patrícia” elas saiam, mas logo retornavam. Por estar sempre em contato direto com meus pequenos recebi o apelido de “tia boa” sentia que para algumas companheiras de trabalho isso causava um certo “ciúme” muito natural, mas que não me incomodava e lidava com muita tranquilidade.

Após passei a também ter como fonte de pesquisa meu aluno Talles de dois anos de idade, que no seu momento de adaptação teve muita dificuldade, chorava muito sem parar, não se alimentava nem mesmo a água ele bebia e por estes motivos ficou um tempo mais longo com sua saída antecipada de horário em comparação aos demais alunos.

Percebia que muitas vezes seu choro era sufocante para que não perdêssemos a paciência nós educadoras íamos revesando para dar a atenção necessária a ele, tentamos de diversas estratégias, mas o resultado não era satisfatório, continuava a chorar e não se alimentava.

Foi então que resolvi pesquisar a sua história por meio da anamnese

(entrevista que se faz com a mãe da criança no momento da matrícula) e descobri que Talles já não tinha mais a presença de seu pai pois o mesmo já havia falecido morava com sua mãe e com mais três irmãos sendo dois mais velho e o outro menor do que ele com menos de um ano de idade, após saber destas informações fiquei a me questionar sobre os seus comportamentos. Talles ainda era um bebê e já havia perdido o seu território para outro bebê seu irmão mais novo, que trauma estava vivendo aquela criança? O que lhe faltava que ele estava expressando através do choro? Passei todas as informações ao grupo de trabalho e também meus questionamentos algumas companheiras de trabalho não deram muita importância mas eu passei a ter um olhar individual diferenciado com ele, como trabalho no horário da manhã passei a recebê-lo em meus braços e continuava com ele por alguns minutos para lhe passar um sentimento de calma, no momento do desjejum oferecia a ele outros alimentos e não só o cardápio do dia (como frutas ou leite), sempre saía da sala com ele para que explorar outros espaços da creche, oferecia o almoço em sua boca sempre brincando e cantando e na hora do descanso deitava junto a ele até que adormecia.

Percebi que estes cuidados levou a criar entre nós uma confiança um vínculo e após um período de muito trabalho percebi que ele já não chorava com tanta intensidade e se alimentava um pouco melhor seu horário começou aumentar até se normalizar. Foi notável que entre cinco educadoras ele escolheu a mim como seu referencial de confiança.

Hoje vejo em Talles uma criança participativa de todas atividades que se interagem com os demais alunos e com os profissionais da instituição, a cada dia fico mais orgulhosa em ver sua evolução e seu crescimento pois sei que o afeto que tivemos e temos com ele é fundamental para sua aprendizagem.

3. 5 Diário de campo

Dia 05/08/2014

A turma EI 41 composta de 23 alunos com 10 meninas e 13 meninos, com sua professora regente Daniele e suas auxiliares Patrícia e Andressa fomos ao pátio para fazermos a nossa roda de conversa. Iniciamos as atividades cantando a música de bom dia “Bom dia amiguinhos como vai, a sua companhia nos atrai, faremos o possível para sermos bons amigos, bom dia amiguinhos como vai?” e fazer a

chamada entramos na conversa com o tema palavras mágicas que servem para termos uma boa convivência e que são elas: bom dia, boa tarde, boa noite, com licença e obrigado. A professora Daniele explicou que estas palavras são mágicas pois nos ajudar em nossa convivência uns com os outros.

Falei que quando chegamos na sala de aula devemos dar bom dia a quem já estar, e neste momento o aluno Pedro Davi acabava de chegar e logo a aluna Gabriela falou: -Bom dia, Pedro Davi! E todos repetiam: Bom dia Pedro Davi, falei – isso mesmo Gabriela e repeti:- bom dia Pedro Davi!

Daniele tomou a palavra e continuou explicando em qual momento se usava cada palavras.

No dia 23/04/2014 a turma EI:41 com 18 alunos com 10 meninos e 8 meninas e sua professora regente Daniele e a auxiliar Patrícia, em sua sala de aula com as crianças sentadas no círculo Montessoriano ano iniciamos a nossa roda de conversa com a música dos dias da semana: Cantamos felizes a canção do dia hoje quarta feira dia de alegria é só acompanhar o que diz a melodia vamos bater palma, vamos gargalhar, vamos dar beijinhos e vamos ficar quietinhos, a chamada foi contando quantos meninos e quantas meninas haviam na sala, entramos no tema dos dias da semana Daniele falou que a semana tem sete dias, que o primeiro dia começa no domingo, o segundo dia na segunda feira, o terceiro dia na terça-feira e assim até chegar o sétimo dia que é no sábado. Daniele perguntou: - Alguém sabe que dia é hoje? Ana Luíza respondeu: -segunda feira. Daniele respondeu: - Não Ana Luíza hoje não é segunda feira, alguém mais sabe que dia é hoje? Talles respondeu: - Domingo. Eu respondi: -Não Talles hoje não pode ser domingo, pois no domingo não tem aula, estamos em casa com a mamãe e com nossos irmãos brincando e não na creche, e todos ficaram me olhando pensativos. Neste momento Daniele retomou a pergunta: - Ainda ninguém acertou que dia é hoje, será que ninguém sabe? Marcos Antônio respondeu: -Quarta feira. Daniele ressaltou: -Isso mesmo Marcos, quarta feira. Então cantamos a música dos dias da semana, e a cada dia íamos levantando um dedo da mão para fazer referência a cada dia: primeiro dia um dedo, segundo dia dois dedos e assim em diante até o sétimo dia. Percebia que algumas crianças não conseguiam fazer a relação dos números com todos os dedos e fui ensinando individualmente a cada um que estava com dificuldades, e todos

participaram da atividade.

O contato com as crianças, a atenção ao individual e para o coletivo é o que faz a diferença para um aprendizado. O acolhimento junto as crianças cria confiança e por meio desta se concretiza o vínculo e o afeto, elementos fundamentais para um bom aprendizado.

3. 6 Percursos metodológicos

Durante o meu percurso acadêmico no Instituto Superior de Educação Pró Saber (Iseps) no curso Normal Superior com licenciatura para lecionar em educação infantil, pôde ter contato pessoal com as metodologias segundo Madalena Freire coordenadora do curso que são eles: o registro, a avaliação, a observação e o planejamento.

Ao fazer o mergulho nesta metodologia pude modificar o meu modelo de educadora, pois consegui compreender que educar tem a ver com o desejo de vida e de morte.

Educador vivo busca, sonha, aprende, não se paralisa no tempo, tem sede do saber por isso pesquisa, estuda tem consciência que não é o detentor do saber e sim busca estar em constante aprendizado.

Educador morto é paralisado não sente o desejo que o impulsiona para o querer.

Confesso que tomar posse destes instrumentos metodológicos não foi fácil para mim, pois desconstruir tudo que havia aprendido de formação nos meus tempos de escola para construir um novo aprendizado que é fazer sujeitos pensantes formadores de opiniões foi algo que levei algum tempo para me modificar, mas hoje reconheço que não existe melhor formação do que fazer sujeito de pensamentos e de opiniões.

Foi por meio da observação que pude modificar o meu olhar, dar atenção no individual e no coletivo para meus alunos, tendo um foco um ponto de observação para eles e para mim “Observar é focar o olhar, a escuta e o próprio silêncio” (Madalena Freire), por meios dos registros fui documentando minhas pesquisas e descobertas, as falas de meus alunos e de outras profissionais da área. Ter um ponto de observação em cada atividade foi uma luta constante que tive quer vencer

a cada dia, e somente após as internalizações destes instrumentos aprendi a avaliar o meu dia de trabalho, os aprendizados de meus alunos, se estou ou não conseguindo alcançar meus objetivos, para então planejar o meu novo dia avançando nos conteúdos ou retomando se houver necessidade.

Uma ajuda enorme para minha escrita foi as sínteses, que no curso é um exercício obrigatório mais que muito me ajudou a aprender a organizar e fundamentar minhas ideias e pensamentos e hoje tenho um jeito próprio para minha escrita.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afetividade é o primeiro sentimento de infância e introduz os primeiros mecanismos de distribuição em seu mundo desconhecido. A afetividade tem uma valiosa contribuição para o desenvolvimento da criança, principalmente na educação infantil, uma criança bem desenvolvida tanto na escola como na família, onde tem laços de amor e afeto, tem um bom desempenho cognitivo e isto está presente em todas suas relações pessoais e profissionais, por isso, a sua importância na realização subjetiva de cada indivíduo. Sabendo que se torna importante esse afeto desde primeiros anos de vida, pois é quando a criança está aprendendo a organizar suas estruturas mentais e cognitivas.

A afetividade influi e facilita na aprendizagem, pois nos momentos informais o educando aproxima-se do educador, trocando experiências, expressando seu ponto de vista fazendo questionamento, sendo tais atitudes significantes para a construção do conhecimento. Dessa forma o professor deve estar aberto ao diálogo e atitude que favoreçam o aprendizado de seus alunos, mantendo com eles um bom relacionamento cabe aos pais e aos professores construírem com o papel de afetividade no desenvolvimento da criança, onde sejam trabalhadas as emoções de forma prazerosa, pois o resultado do trabalho com essas emoções podem resultar em grandes aprendizagens significativas, ou seja, ela em casa ou na escola estimulando a criança a alcançar seus objetivos e ter êxito em seu processo de aprendizagem. A relação professor e aluno devem ser de troca, atenção, carinho, respeito e interesse, pois assim se cria m relações construtivas, a presença da afetividade é indispensável, pois ela norteará o processo de interação e convivência entre elas. Entende-se que o professor de educação infantil é, aliás, de fundamental importância para a difusão e aplicação de recursos como atividades que envolva a afetividade neste processo inicial na vida do educando. O professor com o sentimento de busca, de vida é pesquisador e sempre estará em busca de ações educativas eficazes, assim o aprendizado se dará em um ambiente mais agradável com significações verdadeiras para o educando.

REFERÊNCIAS

VYGOTSKY, L. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ALVES, Nilda. A formação do professor: pensar e fazer. São Paulo, Cortez, 2006.
CRAMER, Sônia. A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (educação e conhecimento)

WALLON, Henry. A evolução psicológica da criança. Lisboa: Edições 70, 2007.

PIAGET, Jean. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.

LIBÂNO, José Carlos: Pedagogia e pedagogos, para quê?/ &. ed. São Paulo, Cortez, 2004.

CODO, Wanderley(coord.). Educação: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PATTO, M. H. S. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A Queiroz. 1990.

FERNANDEZ, Alícia. Os idiomas do aprendente: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolares e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

Plano Nacional de Educação. Brasília, INEP, 1997.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, 1996.

Ministério da Educação e do Desporto. Declaração de Salamanca. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

ANTUNES, Celso. Relações Interpessoais e autoestima: A sala de aula como espaço do crescimento integral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. (Fascículo 16).

* FREIRE, Madalena. A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

*FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

*ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga (org). Afetividade e Aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyolla, 2007.

*KRAIMER, Sônia. Com a pré-escola na mãos: uma alternativa curricular para educação infantil. São Paulo: editora Ática, 1997

*DOWTOR, Fátima Freire (org): Sônia Lúcia de Carvalho; Deise Aparecida Luppi. Quem educa marca o corpo do outro. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

*CEICON, Claudio; CEICON, Jovelina Protásio. A creche saudável: Educação Infantil de Qualidade. Porto Alegre: Artes Mediciniais, 2000.

*GUIMARÃES, Daniela. Relações entre bebês e adultos nas creches: cuidados como ética. São Paulo: editora Cortez, 2011

*FREIRE, Madalena. Educador. São Paulo: Paz e Terra, 2008

*BOFF, Leonardo. Saber cuidar: Ética do humano: compaixão pela terra, 16 edição. Petrópolis, RJ: editora Vozes, 1999

*PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. A psicologia da criança, 3 edição. Rio de Janeiro: editora Difiel, 2007

*COIMBRA, Eugênio. Afeto e aprendizagem: relação de saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro: editora Wark, 2012